

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Tairine Matzenbacher

**MULHERES IDOSAS:
Uma análise acerca da escolarização**

**Porto Alegre
Jul. 2014**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Tairine Matzenbacher

**MULHERES IDOSAS:
Uma análise acerca da escolarização**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Lemos Cunha

Porto Alegre
Jul. 2014

Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de invejar sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Aos meus mestres, professores que se dedicaram a essa profissão com tanto amor que passaram a me encantar também. Impossível citar o nome de todos, mas de forma ampla meus agradecimentos se remetem a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Luiza Maria Binfaré Cezar pela sua equipe discente, escola esta responsável por maior parte da minha escolarização, desde a Educação Infantil aos anos finais, ensino fundamental para minha escolha profissional.

Ainda aos mestres, mas àqueles que me ensinaram a ser professora quando isso já havia sido uma escolha, na Escola Estadual 1º de Maio o sonho de criança se tornou possível com o curso normal.

Aos professores, mas também a todos os outros profissionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul responsáveis por minha formação profissional e o crescente desejo de educar, em especial a Professora Dra Aline Lemos Cunha, orientadora deste trabalho pela sua, dedicação, carinho e atenção desde os primeiros semestres do curso até o encerramento do mesmo.

Agradeço também as instituições que trabalhei e aos colegas, alunos, supervisores, direção e demais funcionários que tornarão possível a concretização do desejo de educar. A Escola Amigos do Verde, pela confiança, oportunidade, acolhimento, compreensão, amorosidade e aprendizagens que hoje levo comigo distribuindo as “sementes ao vento”. Ao Colégio Kennedy, pela experiência, ensinamentos e pelas amizades lá conquistadas. Atualmente meu agradecimento se refere à Escola Municipal de Educação Infantil Vovó Flor, minha primeira experiência efetiva como professora, aos alunos por me proporcionarem essa experiência a qual cada vez me considero mais apaixonada, e aos colegas que também são amigos compreensivos, companheiros e sensíveis.

Mas há ainda uma professora a quem preciso agradecer e neste caso pretendo estender-me um pouco mais, àquela que iniciou sua carreira precariamente em escolas do interior, que deu seguimento ao longo da vida trabalhando em escolas e que hoje aposentada deixa sementes de amor, de dedicação, de paixão e de orgulho à profissão. Ela que me formou enquanto sujeito antes de todas as outras, que me ensinou através do exemplo, que vibrou junto comigo a cada conquista profissional e acadêmica e que também deu ouvidos aos meus

desesperos de final de semestre, Lourdes Matzenbacher, minha mãe, ela que é imensamente responsável por essa conquista.

Mantendo o sentido de formação pessoal e apoio, estendo meus agradecimentos a minha família, pai, irmãs, avós, madrinha, amigos e amigas que compreenderam e apoiaram minha formação acadêmica das mais diversas formas.

Por fim, agradeço a todas as mulheres, mulheres de minha vida, ou que passaram pela minha vida inspirando esse trabalho de conclusão de curso, com a força, a raça e a gana de misturar a dor e alegria em ter fé na vida.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia apresenta uma análise sobre a escolarização de mulheres idosas. A curiosidade, que gerou tal pesquisa, surgiu no estágio obrigatório, pelo convívio com mulheres idosas que retornam à escola. Objetivamos problematizar os motivos para o retorno e permanência destas mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como refletir sobre a relação entre suas vivências e este retorno, além de analisar suas expectativas e percepções sobre a EJA. Para a realização da pesquisa foram entrevistadas quatro estudantes idosas, matriculadas em escolas da rede estadual de Porto Alegre. Estas mulheres frequentam a EJA há mais de cinco anos, permanecendo na mesma totalidade durante este período. O diálogo com os autores (FREIRE, 2011; SOARES, 2011; SILVA, 2004) permitiu refletir sobre o tema e os depoimentos. Também foram referências: o Estatuto do Idoso (Capítulo V) e o Parecer CNE/CEB 11/2000. O amparo teórico possibilitou compreender vivências das estudantes idosas em que a escolarização de mulheres não era vista como prioridade, gerando a saída da escola em nome de afazeres destinados a elas. Para além da formação, o retorno à escola se deu pela possibilidade de sentirem-se pertencentes a um grupo e ativas em um coletivo. Por fim, consideramos que este estudo é pertinente e necessário porque possibilita uma análise reflexiva em torno da escolarização de mulheres idosas visando problematizar suas perspectivas e expectativas.

Palavras-chave: Mulheres idosas, Educação de Jovens e adultos, escolarização.

Sumário

| | |
|---|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 7 |
| 2. A HISTÓRICA EXCLUSÃO DAS MULHERES DO AMBIENTE ESCOLAR E A CONQUISTA DO DIREITO À EDUCAÇÃO..... | 10 |
| 3. METODOLOGIA..... | 16 |
| 4. DAS HISTÓRIAS QUE AS MARIAS NOS CONTAM: ANÁLISE DOS DADOS. . | 20 |
| 4.1. DA EXPERIÊNCIA ÀS EXPECTATIVAS | 20 |
| 4.2 ENTRE AS MARIAS, AS REFLEXÕES E AS TEORIAS..... | 25 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 29 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 32 |

1. INTRODUÇÃO

*[...]Mas é preciso ter força
é preciso ter raça
é preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria*

*Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui uma estranha mania
de ter fé na vida[...]¹*

Ao longo da minha trajetória acadêmica e profissional, me deparei com algumas “Marias”, porém, no estágio obrigatório do Curso de graduação, minha atenção passou a se voltar para a “estranha mania de ter fé na vida” de muitas delas. O Parecer CNE/CEB 11/2000, descreve que a Educação de Jovens e Adultos é uma promessa de qualificação de vida para todos: jovens, adultos e idosos. Estes últimos, por sua trajetória de vida, podemos considerar que tem muito a ensinar para as novas gerações. Cabe, portanto, refletir sobre estes conhecimentos que formam o legado destes estudantes idosos e os tensionamentos que estes saberes provocam na organização curricular da Educação de Jovens e Adultos, em turmas de anos iniciais. Pertencente a essa dita “nova geração”, passo a estreitar contatos, vivenciar, aprender e me interessar por todos os ensinamentos compartilhados por mulheres idosas em uma turma de Alfabetização, em uma escola Estadual de Porto Alegre.

Com muita força, raça, gana, graça e alegria, oriundas de realidades que não as permitiu ingressar e/ou dar continuidade aos estudos na infância e na

¹ Música “Maria, Maria” composta por Milton Nascimento e Fernando Brant, gravada originalmente em 1978 pelo grupo Clube da Esquina.

adolescência, meu olhar passou a se voltar para estas mulheres. Mesmo com idade avançada, profissionalmente estabelecidas e com famílias constituídas, fizeram valer sua vontade de retornar aos estudos, pelos mais diversos motivos.

Outras razões, atreladas ao estágio, impulsionaram minha curiosidade sobre a temática envolvendo mulheres idosas na EJA. Semanalmente, nosso grupo de estagiárias se reuniu para discutir as leituras, as referências teóricas e compartilhar as inquietações e algumas das características do grupo de trabalho com o qual lecionávamos naquele período. Nestes relatos eram constantemente lembradas as idosas que integravam as turmas, suas idades, persistências, esforço e até mesmo a dificuldade de aceitar as novidades em alguns casos, como por exemplo, a chegada das próprias estagiárias. Algumas delas estavam na mesma escola e turma há muito tempo e a possibilidade de mudança as desacomodava e incomodava, conforme os relatos. Estas questões provocavam vários questionamentos e reflexões.

Está presente neste interesse de pesquisa, que gerou este trabalho de conclusão, outra “Maria” com quem também estreitei relações, sobretudo nos três últimos anos. Acompanhar esta etapa da vida de minha avó, a falta de ocupação, a necessidade que tinha de se sentir produtiva, o reconhecimento de suas dificuldades para se escolarizar na infância e adolescência e não poder frequentar a escola posteriormente por diversas razões, traz à minha reflexão um pouco de vivência prática e olhar atento, mas também afetivo, para esta situação e das demais idosas que convivi. Refletindo sobre estas questões, reconhecemos que:

Os brasileiros estão vivendo mais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de brasileiros com mais de 60 anos estará na faixa dos 30 milhões nas primeiras décadas do milênio. É verdade que são situações não generalizáveis devido a baixa renda percebida e o pequeno valor de muitas aposentadorias. A esta realidade promissora e problemática ao mesmo tempo, se acrescenta, por vezes, a falta de opções para as pessoas da terceira idade poderem desenvolver seu potencial e suas experiências vividas. A consciência da importância do idoso para a família e para a sociedade ainda está por se generalizar. (Parecer CNE/CEB 11/2000)

A maior visibilidade desta fase da vida coloca em cheque algumas concepções sobre a terceira idade. Na pesquisa por referenciais que tratassem da temática de estudo, deparei-me com um número expressivo de escritos sobre idosos, entretanto, em sua maioria, relacionados com a área da saúde, trazendo, de certa forma, uma ideia de idoso passivo, que necessita de cuidados médicos. Contudo o que pude perceber no período de estágio é a necessidade destes

mesmos sujeitos em participar ativamente, fazendo-se presente em atividades sociais, contradizendo a sugestão de passividade encontrada em parte dos textos encontrados, mesmo sem ignorar a sua condição etária e de saúde. Esta contradição também será discutida nas reflexões deste trabalho acadêmico.

Dados os motivos e inquietações que impulsionaram essa escrita e outras tantas que surgirão ao longo dela, o presente trabalho estará dividido em alguns capítulos. Já nesta introdução busquei evidenciar a relação do tema de pesquisa com elementos de minha vivência pessoal e acadêmica, bem como os motivos que aguçaram a curiosidade para este estudo.

No capítulo 2 farei referência a alguns teóricos estudados ao longo do Curso de Pedagogia, buscando relações com o tema aqui abordado, conjugado à prática e à vivência com estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Dando sequência à escrita apresentarei, no capítulo seguinte, a metodologia adotada, destacando as perguntas centrais que impulsionaram esta pesquisa e seus objetivos, na intenção de explicitar ao leitor como a pesquisa ocorreu, suas facilidades e dificuldades, bem como a análise pessoal sobre a mesma.

No capítulo 3 encontram-se as opções metodológicas e no capítulo 4 analiso os dados coletados por meio da pesquisa, refletindo a partir das concepções teóricas dos autores estudados. Por fim, na conclusão poderá ser visto uma síntese-reflexiva deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Sendo assim, posso dizer que a partir do estágio obrigatório minha curiosidade em entender: *o que leva mulheres idosas a retornarem às escolas*, se instaurou. Esta escrita abordará esta questão, buscando contribuir com outros estudos já realizados sobre a Educação de Jovens e Adultos de forma a ser vista em sua dimensão qualificadora. Portanto, para além de conhecer os porquês do retorno à escola, também serão abordadas algumas das concepções destas idosas sobre o espaço escolar, a fim de provocar uma discussão sobre as funções reparadora e equalizadora da EJA, abordadas no Parecer CNE/CEB 11/2000.

2. A HISTÓRICA EXCLUSÃO DAS MULHERES DO AMBIENTE ESCOLAR E A CONQUISTA DO DIREITO À EDUCAÇÃO

Buscando compreender alguns dos motivos para o retorno e permanência de mulheres idosas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) dialogo neste capítulo com autores, apresento a legislação referente ao tema e os princípios pedagógicos que me auxiliaram na reflexão desta problemática com mais clareza e objetividade.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), a Educação de Jovens e Adultos é destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos na Educação Básica em idade própria². Para compreender especificamente o motivo para a falta de acesso e continuidade dos estudos, sobretudo das mulheres que atualmente são idosas, é necessário atentar para aspectos históricos. Neste sentido, Maria Beatriz Nizza da Silva considera que:

Desde o início da colonização, a educação formal destinava-se somente aos meninos [...] Existiam mestres que ensinavam as primeiras letras aos meninos, como se pode constatar pelas recomendações dos juízes dos órfãos, desde o final do século XVI, para que os tutores fizessem as meninas aprender a costurar e outras prendas domésticas e os meninos a ler escrever e contar. Pela análise dos testamentos femininos se observa que a quase totalidade das mulheres da Capitania de São Vicente, depois Capitania de São Paulo, eram incapazes de assinar seu nome. (SILVA, 2004, p. 125).

Muito embora a referência da autora seja o século XVI, percebemos que o contexto narrado em entrevistas realizadas com mulheres com idades entre 57 a 69 anos³, ainda aborda a exclusão da escola, como realidade vivenciada, ainda no século XX. Mesmo que em seu tempo estas mulheres pudessem frequentar a escola, que já não se destinava exclusivamente aos meninos como em séculos anteriores, havia outros elementos que tornavam esta instituição distanciada de suas

² Segundo o parecer 11/2000 A expressão *idade própria*, além de seu caráter descritivo, serve também como referência para a organização dos sistemas de ensino, para as etapas e as prioridades postas em lei. Tal expressão consta da LDB, inclusive do art. 37.

³ Faço referência às entrevistas realizadas durante a pesquisa que originou este trabalho de conclusão.

realidades. Goldani (1999), alerta para o fato de que mais da metade das idosas brasileiras, desta segunda metade do século XX, passou a vida sem saber ler e escrever e sem uma atividade remunerada deparando-se, nesta fase, com todas as desvantagens acumuladas por esta situação: a discriminação e as desigualdades estruturais. Trabalhando no lar e dedicando-se aos cuidados da família, essas mulheres dedicaram-se aos outros (filhos, netos, maridos...). Segundo o autor, voltar à escola é o primeiro passo, visto por elas, para compreender o mundo e se sentirem participantes desse novo cenário, onde o conhecimento define a participação de cada um na sociedade.

Silva (2004) segue sua análise histórica lembrando que em 1798 foi redigido por D. José Joaquim de Azeredo Coutinho o *Estatuto de Recolhimento de Nossa Senhora da Glória*⁴, claramente fundado em objetivos educativos, que muito embora não deixasse de definir os papéis de cuidados com a casa, filhos e marido, para as mulheres, também enfatizava a importância da educação para que esses papéis fossem desempenhados com sucesso. Neste sentido, o plano de estudos das meninas adequava-se aos “papéis femininos” na sociedade de então. As estudantes limitar-se-iam a aprender a ler, escrever e contar, além de coserem e bordarem, pois isso bastaria para o governo de suas casas no futuro. Muito embora possamos concebê-lo como um documento sem avanços consideráveis, cabe ressaltar que foi de suma importância para educação feminina na sociedade colonial, em que eram raras as mulheres que sabiam assinar o seu nome. Através das entrevistas realizadas para a escrita deste trabalho de conclusão, é possível manter uma série de relações entre passado e presente, no que diz respeito à educação de mulheres. Ao longo da escrita, as semelhanças vão ficando mais evidentes, muito embora a referência histórica traga um passado bastante distante. Estes indicadores históricos apresentam realidades que foram se transformando, mas algumas situações de opressão foram permanecendo, com novas nuances.

Segundo Freire (2011) os oprimidos são submetidos à “invasão cultural”, ao “silenciamento” de sua palavra e constantemente “desumanização”, o que os impede de concretizar a sua “vocação ontológica” na direção de “ser mais” e de sua “humanização”. Assim, na situação de opressão, a consciência do oprimido na

⁴ O Estatuto de Recolhimento de Nossa Senhora da Glória é um instrumento regulador redigido em 1798 que preocupou-se com os vícios da educação doméstica e definiu padrões mínimos de educação para mulheres, os quais, apesar de limitados envolviam aprender a ler, escrever e contar, além de cozer e bordar.

relação com o mundo, expressa “imersão”, “fatalismo” e “autodesvalia”. Esta ideia freireana, surge de discussões sobre o contexto brasileiro, as quais questionam o modelo educacional excludente, e, por conta disto, a reprodução do analfabetismo de significativas parcelas da população no início do século XX. Nos anos 1960, a partir do legado teórico da Educação Popular, concebida no engajamento político frente às lutas por direitos no Brasil, tais realidades são questionadas e surge a obra *Pedagogia do Oprimido*⁵.

Para Freire, a Educação Popular é a educação feita com as *classe populares*, oprimidas pela falta de acesso aos direitos que possuem como cidadãos, a partir da concepção de educação Libertadora “que é ao mesmo tempo gnosiológica⁶, política, ética e estética” em que o ideal de transformação deve partir dos próprios oprimidos, das suas vivências e das lutas que empreendem.

No que se refere à opressão, tendo em vista os direitos negados, cabe salientar a função reparadora da Educação de Jovens e Adultos, mais uma vez. Isto não significa só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado, mas além do direito a uma escola de qualidade, também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano. Já a função equalizadora da EJA vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação. Para tanto, são necessárias mais vagas para estes “novos” alunos e “novas” alunas, demandantes de uma nova oportunidade de equalização. (Parecer CNE/CEB 11/2000).

Sobre a educação, o estatuto do idoso apresenta as seguintes considerações:

⁵ Os dados históricos referidos neste parágrafo estão baseados em informações trazidas pelo Dicionário Paulo Freire.

⁶ Segundo dicionário Paulo Freire a educação deve ser uma situação gnosiológica, ou seja, que ao recuperar o caráter histórico-cultural do homem e do mundo, percebendo-os como inacabados e em construção, possibilita que a educação se expresse como “prática da liberdade” e como ação transformadora.

Art. 20. O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

§ 1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna.

§ 2º Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais.

Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.

Art. 23. A participação dos idosos em atividades culturais e de lazer será proporcionada mediante descontos de pelo menos 50% (cinquenta por cento) nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer, bem como o acesso preferencial aos respectivos locais.

Art. 24. Os meios de comunicação manterão espaços ou horários especiais voltados aos idosos, com finalidade informativa, educativa, artística e cultural, e ao público sobre o processo de envelhecimento.

Art. 25. O Poder Público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual

É possível notar a ênfase concedida à importância da valorização dos idosos e de suas experiências nos processos educativos que a eles se destinam e para a sociedade como um todo. Mesmo assim, é evidenciado nos depoimentos de mulheres idosas entrevistadas, o sentimento de exclusão social, bem como a necessidade de se sentir pertencente e ativa em algum espaço, gerando um dos motivos para o retorno à escola. Frequentar a escola passa a ter um significado diferente do esperado tornando-se, a aprendizagem de conteúdos escolares, “pano de fundo” para a busca de novas amizades, a troca de dicas para a vida cotidiana ou um tempo para, simplesmente, estar rodeada de pessoas.

Como já referido, um número expressivo de trabalhos que abordam essa fase da vida, enfatiza os cuidados e possíveis dicas para um envelhecimento saudável apresentando um idoso frágil e vitimizado colocando-o em um lugar de passividade pessoal e social. Paz (2001) descreve esse cenário como asilamento social,

afirmando que a mesma sociedade que garante a longevidade é a que exclui o longo dos processos de inserção, participação e trocas de conhecimento.

Paulo Freire faz provocações e reflexões importantes acerca da velhice, falando a respeito do seu retorno do exílio. Voltava velho? Não. Segundo ele, retornava vivido, amadurecido, provado em diferentes momentos. Ao conversar com mulheres idosas, as mesmas afirmam não serem velhas, pois, cientes da visão que trata os idosos com passividade, não aceitam, nem querem assumir tal ideia sobre si mesmas. Como Freire, elas acreditam ser velhas ou moças em função da vivacidade e da esperança que manifestam. Conforme Freire, ser novo ou velho tem relação com a disposição de estarmos sempre prontos a começar tudo de novo e se o que fazemos continua a encarnar como sonho eticamente válido e politicamente necessário.

Os critérios de avaliação da idade, da juventude ou da velhice, não podem ser os do calendário. Ninguém é velho só por que nasceu há muito tempo ou jovem por que nasceu a pouco. Somos velhos ou moços muito mais em função de como pensamos o mundo, da disponibilidade com que nos damos curiosos ao saber, cuja procura jamais nos cansa e cujo achado jamais nos deixa imovelmente satisfeitos. Somos moços ou velhos muito mais em função da vivacidade, da esperança com que estamos sempre prontos a começar tudo de novo e se o que fizemos continua a encarnar sonho nosso, sonho eticamente válido e politicamente necessário. Somos moços ou velhos se nos inclinarmos ou não a aceitar a mudança como sinal de vida e não de paralisação como sinal de morte. (FREIRE, 1995, p.56)

Demo (2004) afirma que a morte mais violenta que existe é deixar de aprender, não participar da sociedade por falta de aprendizagem, não entender as novas gerações, ficar de fora das discussões atuais, sentir-se inútil.

Através deste estudo e do convívio com mulheres idosas percebi a busca por relações sociais em diversos âmbitos, pela participação ativa no espaço educativo, por aguçar a sua curiosidade, a abertura para o novo e a capacidade de sonhar, que me possibilitam uma visão da figura idosa bastante diferenciada do estereótipo de representação de velhos de cabelos brancos, com dificuldade para caminhar fazendo uso de bengala, relativamente passivos, trazidos pelas convenções sociais e por ícones de representação⁷.

⁷ Pode-se neste caso, analisar a representação de idoso que encontramos em ônibus, por exemplo, em que a figura que sinaliza o assento preferencial para pessoas a cima de 60 anos está corcunda e fazendo uso de uma bengala. Há também a dificuldade em respeitar o direito do idoso, uma vez que há a ideia de que o idoso

O desprestígio que a sociedade confere ao idoso é maior que o próprio envelhecimento biológico, pois o velho não se vê como velho pelas transformações percebidas em seu físico pelos anos vividos, mas se percebe como velho pela discriminação e negação que a sociedade lhe faz (CACHIONI, 2003, p 82).

Freire, quando escreve sobre esta temática salienta que, com 74 anos, continuava a se sentir moço, destacando que o orgulho e a auto suficiência e que envelhecem as pessoas; acreditando que só na humildade é possível se abrir à convivência, ajudar e ser ajudado. Passando-nos a ideia de que ninguém se faz só nem faz as coisas só, as pessoas se fazem com os outros e na relação com o outro é que fazem as coisas.

3. METODOLOGIA

Segundo Freire (2011) o diálogo é este encontro dos homens e das mulheres, meatizados pelo mundo, para pronunçiá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. A fim de saber mais sobre as vivências de mulheres idosas, sobretudo na escola, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, a fim de possibilitar um diálogo com as mulheres, sujeitos do estudo, sem o objetivo de esgotar o assunto, tampouco de mantê-lo somente na relação entrevistador e entrevistado, mas compartilhar afim de provocar novas reflexões.

Para Gaskell (2003), há alguns aspectos centrais da entrevista que precisam ser observados e seguidos, dentre eles: a preparação e o planejamento, a escolha da técnica a ser utilizada e a seleção dos entrevistados. .

Para definir não roteiro da entrevista, foram levadas em conta as questões que impulsionaram este estudo:

1. Quais os motivos para o retorno e permanência de mulheres idosas na Educação de Jovens e Adultos (EJA)?
2. Qual a relação entre o contexto familiar e o retorno a escola?
3. Quais as expectativas e percepções das mulheres idosas sobre a EJA?

A partir destas questões, foram elaborados tópicos para o debate, ao invés de perguntas específicas, a fim de guiar o entrevistador, mas deixando as entrevistadas mais à vontade e tornando a conversa mais natural. Com este intuito, foram definidos os seguintes tópicos:

Tópico 1 - Trajetória escolar na infância, adolescência e juventude;

Tópico 2 - Retorno à escola e permanência;

Tópico 3 - Família x escola;

Tópico 4 - Percepções sobre a EJA e expectativas.

Estes tópicos geraram algumas perguntas, feitas ao longo do diálogo, para nortear/objetivar nossa conversa se fosse necessário.

Para a seleção das entrevistadas, mantive contato com colegas que também estagiaram em turmas de EJA. Pedi que me enviassem o nome completo das alunas, as idades, as escolas e algumas características que julgassem interessante contar, com base no meu interesse de pesquisa. Algumas delas já eram minhas conhecidas, devido ao relato semanal que fazíamos na disciplina de estágio. Com as informações das colegas, tive acesso a 12 mulheres idosas, quatro destas foram escolhidas como sujeitos da pesquisa, levando em conta os seguintes critérios: idade, tempo de permanência na mesma escola/turma e a disponibilidade para a realização da entrevista. Como salienta Gaskell,

Toda pesquisa com entrevistas é um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas. Com respeito a isso, tanto o(s) entrevistado(s) como o entrevistador estão de maneira diferente, envolvidos na produção de conhecimento. (GASKELL, 2003, p.73)

Neste sentido, as entrevistas iniciaram com uma breve apresentação pessoal e com a explicação sobre os motivos para a realização daquela conversa, muito embora já os tenha manifesto no momento do convite para que participassem da pesquisa.

Iniciando a conversação, solicitei a autorização para gravar o diálogo. Mostrei às entrevistadas como ficaria a gravação, aproveitando para testar o gravador e conferir se tudo estava funcionando e se nenhum dos diálogos seria perdido. Guiada pelos tópicos já citados, busquei impulsionar as falas solicitando que me contassem sobre sua vida escolar e deixando-as a vontade, já que partia de uma questão bastante ampla. Quando necessário, fiz uso do roteiro com os tópicos, a fim de objetivar nosso diálogo.

Sobre as “Marias”, primeiramente chamo-as assim em função de todas elas terem este como primeiro nome, posteriormente criou-se uma relação com a música “Maria, Maria” citada na introdução deste trabalho. Duas das entrevistadas foram selecionadas devido ao contato no estágio obrigatório, as demais conheci através de relatos de outras colegas que realizaram o estágio obrigatório na EJA e a seleção destas teve como critério o tempo de matrícula, as entrevistadas tem idade entre 57 e 69 anos, todas frequentes a mais de cinco anos na mesma totalidade.

Dentre as dificuldades e facilidades para realização desta pesquisa, destaco que me surpreendi com a vontade das mulheres entrevistadas em contar suas histórias. Em alguns momentos era necessário retomar o foco da conversa de uma maneira bastante sutil, mas todas, sem exceção, mostraram-se muito a vontade em conversar comigo.

Havia escolhido duas mulheres e conversado com elas previamente, a fim de lembrá-las da realização das entrevistas. Ao chegar à escola, no dia marcado, mais uma quis ser ouvida e assim, me dispus a escutá-la pensando que, naquela noite, faria três entrevistas. Para a minha surpresa, uma delas, que havia aceito o convite prévio, pediu desculpas explicando que não queria conversar, sem dar motivos detalhados. Prefiri não insistir e fui comunicada pelas estagiárias, que lecionavam na turma, de que esta era uma característica bem peculiar dela e que, se havia decidido que não iria, não haveria argumentos que pudessem convencê-la. Portanto, mantive o número de entrevistadas, mas uma delas passou a fazer parte da pesquisa naquele exato momento.

Dos desafios de uma pesquisa com esta temática, ainda posso citar a necessidade em manter certo distanciamento daquilo que era contado, provocando-as a falar mais, mas sem poder intervir demasiadamente, com receio de inibi-las. O momento em que era necessário retomar o foco da nossa conversa também provocou, um exercício de sutileza e cuidado.

A abertura e disponibilidade das entrevistadas para o diálogo, tornaram a conversa mais tranquila e produtiva. Senti-me bem em poder ouvi-las, uma vez que elas tinham esse desejo.

Ao conhecer as vivências destas quatro mulheres idosas, percebi os motivos para o retorno e permanência delas na Educação de Jovens e Adultos (EJA), o que contribuiu para a compreensão desta modalidade e, de forma inicial, conseguindo também compreender a relação entre o contexto familiar e o retorno à escola.

Nossas análises, além da abordagem destes temas, trataram das expectativas e percepções das mulheres idosas sobre a EJA. Tais discussões estão sistematizadas no decorrer deste trabalho de conclusão.

4. DAS HISTÓRIAS QUE AS MARIAS NOS CONTAM: ANÁLISE DOS DADOS.

Neste capítulo pretendemos apresentar os pontos relevantes das entrevistas realizadas com quatro mulheres idosas matriculadas e freqüentes em duas escolas distintas da rede estadual localizadas em Porto Alegre. Os assuntos abordados, ao longo das entrevistas, tiveram relação com as histórias escolares destas mulheres e se desdobraram em tópicos que nortearam a conversa, portanto dentro dessa temática também conversamos sobre o retorno e a permanência na escola, a relação entre família e escola, bem como as percepções e expectativas sobre a Educação de Jovens e Adultos.

Início a escrita da introdução deste trabalho com a música “Maria Maria”, de Milton Nascimento, não por acaso. Das quatro mulheres entrevistadas, três delas possuíam nome composto iniciando com Maria. Tendo em vista a idade aproximada das entrevistadas, ousou dizer que o nome está relacionado com a época do nascimento. Sendo assim, devido à necessidade de preservar a identidade das entrevistadas, darei nome de Maria a todas, diferenciando-as por números Maria I, II, III, IV.

4.1. DA EXPERIÊNCIA ÀS EXPECTATIVAS

Primeiramente serão feitas constatações singulares a cada entrevistada, na tentativa de apresentar as protagonistas dessa pesquisa aos leitores.

Maria I tem 69 anos, frequentou a escola quando criança por menos de um ano, tendo em vista a distância entre a moradia e a escola, bem como a dificuldade de se deslocar, o pai decidiu que ela precisava ajudar em casa, nas tarefas domésticas e sem a oportunidade de questionar ou contrariar, assim foi feito.

Quando adulta, mudou-se para a capital e estabeleceu-se. Trabalhava cuidando de idosos, casou e teve um filho que atualmente tem aproximadamente 32 anos. Após ele ter concluído o Ensino Médio, Maria I relata que buscou a escola na tentativa de não se sentir sozinha e, embora não possa contar com o apoio do filho, que se preocupa com sua segurança, segundo ela, encontra na Igreja em que frequenta e no contato com as amigas, o estímulo para continuar estudando. Conforme destaca

“Meu filho que é formado em Administração ele não gosta muito que eu venha para a escola. Ele fica preocupado porque eu saio de noite.” (Maria I, 62 anos)

Mostra-se bastante sociável, inclusive no trajeto para a escola. Salaria que conhece os motoristas e cobradores dos ônibus que utiliza e que seguidamente leva um bolo ou lanche para eles quando vem para a escola. Bastante animada, diz ter um carinho bastante grande pelas professoras, diretoras e especialmente pelas estagiárias que, conforme relatou, conseguem dar ainda mais atenção à ela, pois acha que as professoras titulares já estão cansadas. Neste momento da entrevista, Maria I faz algumas observações críticas quanto à valorização dos professores, a infra-estrutura precária da escola, a falta de respeito das crianças e dos jovens com os mais velhos/adultos, mostrando-se bastante atenta e ativa no ambiente escolar.

“Eu me dou bem com todo mundo, mas o Estado não valoriza os professores. Eles têm que trabalhar o dia inteiro e chegam aqui cansados.” (Maria I, 62 anos)

Esta primeira entrevistada, ainda relata que pretende na escola, ocupar a cabeça, fazer amigos e esquecer dos problemas (estes das quais ela não me dá detalhes). Demonstra, em sua fala, reconhecer os seus aprendizados, percebendo-se mais atenta e compreensiva e deixando muito claro que quer aprender mais para, dentre tantas outras coisas, viajar, pois, segundo ela “se nada nós temos, nada podemos dar”, referindo-se as aprendizagens escolares.

Na mesma escola em que a Maria I foi entrevistada, havíamos combinado de entrevistar a Maria V. Ao chegar para fazer a entrevista Maria II, mostrou-se muito empolgada com a ideia de conversar sobre a sua história de vida. Mesmo não

estando entre as idosas “selecionadas”, optei por ouvi-la. Enquanto uma mostrava-se muito empolgada em poder contar sua história, outra decidiu não participar da entrevista, neste caso, sem motivos explícitos. Respeitei sua decisão. Mantive o número de entrevistadas, mesmo que uma delas tenha sido incluída em um momento posterior à seleção.

Com 57 anos, Maria II frequenta a mesma escola por aproximadamente oito anos. Ao longo deste tempo teve que abandoná-la por diversas vezes: filho pequeno, marido doente, patrão doente, falecimentos, em cada período um motivo diferente afastava a aluna do ambiente escolar. Quando criança, por decisão do pai, não foi à escola, tendo que ajudar em casa. Quando questionada sobre qual o seu sentimento em não poder ir para a escola, ela deixa claro que não se tratava de uma opção e sim uma determinação inquestionável e indiscutível. Podendo optar, estaria na escola.

Com aproximadamente 13 anos, Maria II passou a trabalhar em uma casa de família. A estrutura financeira e a escolaridade dos integrantes desta residência provocaram nela o reconhecimento da importância do estudo, bem como a aproximação com a Bíblia, por meio de suas práticas religiosas, trouxe a vontade de aprender a ler, pois ouvia as pessoas lendo e sentia vontade de ler sozinha e depender menos. Salienta que seus filhos a apoiam, no retorno à escola, dizendo

“Meus filhos gostam que eu venha para a escola e me ajudam nas atividades quando não entendo.” (Maria II, 57 anos)

Viúva, recentemente perdeu a companhia do marido para vir à escola, pois estudavam juntos. Contudo, conta com o apoio do filho, da enteada e das amigas da Igreja que reforçam à ela a importância e possíveis oportunidades que poderão surgir estando alfabetizada. Moviada por uma dessas possíveis oportunidades, a aluna diz querer ir para os Estados Unidos, já que lá sua religião é estabelecida com maior solidez. Critica também a presença de jovens que não valorizam o ensino e atrapalham a aprendizagem dos outros segundo ela, conflito de gerações que tem se apresentado constantemente em turmas de EJA. Denuncia as precárias condições estruturais em que a escola se apresenta. Mostrando disposição e

vontade de aprender, a entrevistada relata “Já conheço as letras, já consigo juntar, mas para mim. Quero aprender mais para discursar na igreja”.

Marias III e IV, fizeram parte de meu estágio docente, realizado em 2013. Sendo assim, pudemos estabelecer uma relação bastante próxima ao longo deste período. Essa aproximação anterior tornou as entrevistas ainda mais tranquilas.

A história de vida de Maria III já possibilitou diversas reflexões no semestre anterior. Ao conversarmos novamente algumas questões surgiram e outras foram lembradas. Frequentando a escola há 12 anos, esta aluna de 62 anos conta que não frequentou a escola quando criança, pois residia no interior e não havia escola perto de sua casa. Ao se mudar para a Capital e se estabelecer, começou a trabalhar, casou e teve seu filho. Ele, ao começar a sua caminhada escolar, exigia sua atenção e todas as vezes em que precisava assinar o boletim de seu filho na escola, precisava verbalizar que não sabia escrever. Incentivada pelas professoras da escola e pelo filho, que agora já é adulto e concluiu o Ensino Médio, passou a frequentar a EJA, tendo que se afastar algumas vezes por questões relacionadas à sua saúde. Atualmente, as questões que dificultam sua frequência, estão relacionadas ao cansaço em conseguir conciliar o trabalho e os estudos, pois mesmo já aposentada continua trabalhando e mesmo cansada se faz presente todas as noites na escola. Segundo ela, tem o apoio do filho para estudar, diferente do relatado por Maria I, o que para ela é motivador e importante.

“Meu filho gosta que eu venho, pergunta todos os dias se fui a aula” (Maria III, 62 anos)

Suas críticas se referem exclusivamente à falta de interesse dos jovens em relação a educação, assim como Marias I e II. Bastante contente com a instituição escolar, quando falamos sobre as mudanças após ter retornado à escola a entrevistada diz empolgada que “Agora já posso sair, comprar alguma coisa, pensar no dinheiro que eu tenho, quanto vou receber de troco. Antes, tinha que confiar só nas pessoas”. Sua fala, carregada de orgulho, ainda lembra: “Porque se a gente não sabe ler anda assim tropeçando nas coisas, dependendo dos outros”.

Por fim, mas não menos importante, a entrevista com Maria IV também levou a algumas reflexões. Já nos conhecíamos e durante o estágio a aluna não faltou uma única vez. Chegava atrasada, por ter dificuldade em conciliar seus horários de

trabalho e escola, como Maria III. Visivelmente cansada, com sono, sempre entrava pela porta da sala sorrindo e nos abraçando, preocupada em saber se estávamos bem. No dia da entrevista, não foi diferente, fiquei aguardando-a até aproximadamente às 20 horas, tendo a aula começado às 19 horas. Correndo, feliz e empolgada ao chegar, a aluna me abraça e lembra-se de que havíamos combinado de fazer a entrevista. Seus 69 anos trazem muitas histórias. Maria IV não frequentou a escola durante a infância. Neste caso, percebemos que as semelhanças não estão presentes somente nos nomes das entrevistadas. A falta de contato com a escola está novamente relacionada à distancia e dificuldade de se locomover e a necessidade de ajudar nas tarefas da casa e da plantação, imposta pelo pai.

Diferentemente das demais, esta entrevistada não se casou, nem teve filhos.

“Não casei, nem tive filhos, meus sobrinhos gostam que eu estude, mas meu patrão diz que é perda de tempo.” (Maria IV, 69 anos)

Dedicou a sua vida a cuidar de uma casa de família. A vontade de estudar se deu por se sentir angustiada em não conseguir anotar recados ou fazer uma receita culinária nova. Incentivada pela patroa, matriculou-se na EJA, frequenta a atual escola há aproximadamente 10 anos, mas já frequentou outra instituição. Nesta fala, evidenciamos a figura masculina patriarcal relacionada diretamente à falta de estímulos a escolarização, em contrapartida as figuras femininas reconhecem a importância e a incentivam. Sugere que o conhecimento nas mulheres, assusta.

Ao longo de nossa conversa, a entrevistada se sente à vontade para contar um detalhe importante de sua história de vida, ao qual não tive conhecimento anteriormente. Por ter sofrido um trauma na cabeça quando criança, em uma situação de agressão, relatou-me que, segundo o seu médico, isso pode prejudicar sua aprendizagem. Por já ter tido contato com a aluna, é visível a presença de certa dificuldade de aprendizagem, neste caso patológica e diagnosticada, entretanto a importância de continuar frequentando a escola é deixada clara pelo médico, como forma de superação destes condicionantes. Incentivada pelos professores, mesmo ciente desta limitação, tem vontade e esperança de aprender a ler e a escrever. Segundo ela, o que a move diariamente para a escola é a vontade de aprender.

Deixa claro, também, que: “a professora é boa, ela dá atenção, se preocupa e se interessa pela gente. Aqui a gente tá no meio das pessoas esquece dos problemas, deixa tudo lá na rua.” Neste momento de nossa conversa, Maria IV se emociona, ao lembrar dos problemas. Queixa-se de discriminação por ser mulher, idosa, negra e analfabeta. Refere-se à escola como um lugar de descontração em que pode interagir com idosos e jovens e que todos se ajudam. Sobre suas expectativas, ela relata “quando aprender a ler vou sair da escuridão, ninguém vai me passar mais para trás, nem me chamar de burra, analfabeta, vou ver um pouco de claridade”.

4.2 ENTRE AS MARIAS, AS REFLEXÕES E AS TEORIAS.

Muito embora a intenção do item anterior tenha sido de fazer uma apresentação das entrevistadas, não é possível manter-se alheio a estas situações vividas pelas mulheres. Neste momento, pretendo aprofundar mais a relação dos relatos com as minhas análises e as concepções teóricas de autores estudados.

Muito embora, os idosos ainda sejam tratados como incapazes, passivos, vítimas e que seja dada ênfase às propostas de atividades que exercitem o corpo e a mente, através da pesquisa e do contato com mulheres idosas foi possível constatar outra realidade. Esta visão de incapacidade, segundo Paz (2001) trata-se de um cenário de asilamento social, afirmando que a mesma sociedade que garante a longevidade é a que exclui o longo tempo dos processos de inserção, participação e trocas de conhecimento.

Dialoguei com mulheres idosas, aposentadas e que, mesmo assim, continuam trabalhando e encontrando disposição em continuar estudando. Mesmo com as devidas críticas ao fato de percebermos a precária situação econômica vivida, o que gera a necessidade de continuar trabalhando para complementar suas rendas, definitivamente não temos aqui exemplos de idosos passivos.

Os dados coletados em pesquisas revelam que o número de pessoas idosas na população vem crescendo continuamente, mas como destacado no Parecer CNE/CEB 11/2000, a consciência da importância do idoso para a família e para a sociedade ainda está por se generalizar. Ou seja, embora tenhamos aparato teórico, constitucional e legislativo, na prática, o idoso continua sendo tratado como figura

passiva e descartável quando, na verdade, a busca pela escolarização mostra o contrário, a necessidade de se fazer pertencente e mostrar-se ativo em determinado ambiente ou contexto social.

A necessidade de Maria II em contar sua história e a empolgação e disponibilidade de todas as outras em conversar, mostram a vontade que as mesmas têm em se fazerem ouvidas, uma vez que isso normalmente não acontece em nossa sociedade. Tamanho é o desejo de se sentir pertencente e ativo em determinado grupo social que segundo o que mostram as entrevistas feitas, antes de ingressarem/reingressarem à escola elas se vinculam ainda mais a alguma religião e, a partir disso, aprender a ler se torna uma necessidade e provoca o retorno das mulheres aos estudos. Neste sentido, Leôncio Soares (2011) traz uma análise histórica bastante relevante, de uma realidade que se manifesta nas falas de uma das entrevistadas:

Para se aproximar de Deus, os seres humanos precisavam conhecer e praticar seus mandamentos, os quais se encontravam na Bíblia, única fonte de verdade do cristão. Para tanto, era necessário dominar a leitura. Por isso, Lutero chegou a sugerir aos governantes que gastassem menos com a guerra e mais com escolar públicas.

Além da distorção da figura do idoso comparada com a experiência prática e a relação entre a crença religiosa e os estudos, outras semelhanças puderam ser percebidas ao longo da entrevista e do contato com as mulheres idosas. A figura parterna em todos os casos analisados, mostrou-se autoritária e era responsável pela decisão de saída da escola das mulheres, na infância e adolescência. Quando questionadas sobre o que sentiam por terem que sair da escola ou terem sido privadas de freqüentarem as mesmas, com muita tranqüilidade afirmavam que tinha que ser assim, mostrando e verbalizando não ter espaço para argumentos que pudessem expressar o contrário.

Os motivos que levavam os pais a decidirem pelo não estudo das filhas também se assemelha em todos os casos: distancia entre as escolas e as moradias, dificuldade de locomoção e necessidade de auxílio nas atividades domésticas. A decisão de ajudar em casa e não frequentar a escola era defendida no âmbito familiar. Isso nos aponta o quão recente é a valorização, bem como a acessibilidade às escolas. Tais fatos estão vinculados às lutas sociais pelo direito à escolarização e a obrigatoriedade regimentada em Lei.

De meninas a mulheres, na criação de seus filhos, em alguns casos, tornou-se prioridade os estudos. Das quatro entrevistadas, três delas tem filhos homens com aproximadamente 30 anos e com orgulho relatam que os mesmos tem escolaridade concluída até o Ensino Médio. Foi somente após a conclusão dos estudos dos filhos em que as mães retornaram às salas de aula. Destaco as seguintes falas

“Já estou começando a juntar as letras, agora quero aprender a ler” (Maria II, 57 anos)

“Agora já posso sair, comprar alguma coisa, pensar no dinheiro que eu tenho, quanto vou receber de troco, antes tinha que confiar só nas pessoas. Cada vez eu vou aprendendo mais, tudo pode mudar.”

(Maria III, 62 anos)

“Quero conviver com as pessoas, sair do escuro, aprender a ler e os números, ver um pouco da claridade..”

(Maria IV, 69 anos)

As falas acima salientam que as mulheres, mesmo pretendendo socializar-se e conviver em um grupo, desejam aprender a ler e escrever, contrariando a ideia de que basta a socialização na educação de idosos ou que este seria o único componente almejado por elas.

Muito embora elas tenham concordado com a decisão dos pais e não terem manifestado qualquer tipo de opinião contrária a essa decisão, durante a entrevista, disseram que, para seus filhos, a prioridade era exatamente aquilo que não foi lhes priorizado durante a infância e somente após a conclusão dos estudos dos filhos é que elas se permitem uma nova oportunidade educacional no ambiente escolar.

Atualmente, os filhos já estão criados, alguns não residem mais com elas, outros pouco param em casa. Viúvas, divorciadas ou solteiras, essas idosas se vêem sozinhas e buscam na escola a possibilidade de socialização, de integração, de cuidado de quem se preocupa e se interessa pelas suas necessidades, em suas falas, a professora. É bem verdade que, mesmo com estes depoimentos sobre as

professoras, há algumas coisas neste mesmo ambiente que lhes incomodam e também desacomodam. Muitas delas queixaram-se da estrutura do espaço escolar como um todo, desde banheiros, salas de aula, refeitório, até a falta de merendeira e o cansaço dos professores desvalorizados, segundo elas.

A presença de jovens que desafiam, discutem, bagunçam e argumentam no mesmo espaço também é motivo de queixa das idosas entrevistadas. Neste caso, há uma evidente comparação com a sua juventude, em que não era dado espaço para argumentação e qualquer tipo de manifestação. Ao comparar estes fatos, a indignação é bastante visível. Por vezes, consideram estas falas dos jovens como uma falta de valorização, por parte deles, impossível de ser aceita por elas que tiveram esse direito negado.

Das percepções às expectativas, as análises das entrevistas são bastante singulares, os desejos se assemelham pelo fato de que querem saber ler, mas com isso cada uma tem um objetivo singular que é desde “sair da escuridão” até viajar para os Estados Unidos e conhecer a sede da igreja que frequenta. Um desejo que fica bastante evidente ao longo das falas, mesmo que não seja citado diretamente, e que merece atenção da escola, dos educadores e da sociedade como um todo, é a vontade de serem ouvidas, de receber atenção não como uma vítima, mas como mulheres ativas dentro do contexto social em que estão inseridas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato com mulheres idosas, ao longo do Curso de Pedagogia, bem como as vivências pessoais, aguçaram a curiosidade pelo estudo. A pesquisa qualitativa envolvendo as entrevistas e o material bibliográfico, aumentaram ainda mais o interesse pela temática.

Ao longo da escrita do trabalho de conclusão de curso (TCC), a contextualização histórica mostra uma evidente exclusão social das mulheres, que muito embora se refira ao passado, torna-se presente através dos relatos das entrevistadas, que contam, com garra, todas as dificuldades enfrentadas para o retorno a escolarização.

Também é possível notar que elas, atualmente, são movidas para o ambiente escolar diariamente pela necessidade de relacionar-se, bem como sentir-se útil e ativa dentro do grupo, mas também pelo desejo de aprender, tendo em vista que, quando crianças, foi-lhes ensinado a cuidar da casa, do marido e dos filhos, sem a possibilidade de escolarizar-se. No momento em que essa função se deu por concluída, o sentimento de “autodesvalia” se fez presente e as idosas, para superar tal momento, passaram a pensar em alternativas. Pensar em si mesmas só foi possível depois de dedicar-se aos outros, tendo elas aprendido que assim deveria ser, conforme fica implícito em seus relatos sobre a infância, em que foram interrompidas as trajetórias escolares desde então, a fim de que se dedicassem a outrem.

A sociedade brasileira na atualidade tende a incentivar o desprestígio social do idoso, destacando as dificuldades e deficiências presentes na terceira idade, ou então desrespeitando o direito de ser deste cidadão que busca conservar a imagem de “eterna juventude”, a partir de um modelo pronto e acabado, emaranhando-se na teia de uma sociedade que tem em vista aumentar o consumo e a possibilidade de exploração da força de trabalho por mais tempo.

A pesquisa mostra que a socialização, a possibilidade de inter-relações e a vontade de sentir-se socialmente importante, leva as mulheres, oprimidas pelo contexto social em que viveram, a procurar a escolarização ou mesmo antes disso, elas recorrem aos grupos religiosos com essa intencionalidade. Contudo, neste caso, elas percebem a necessidade do domínio da leitura, uma vez que, para elas, é importante sentir-se ativa e não passiva nas atividades e grupos a que pertencem, o que faz pensar que a escola ocupa, para elas, ambos lugares.

As entrevistadas rejeitam a ideia de velhice fragilizada, dependente e vitimizada. Sendo esta a ideia vigente, não se consideram idosas. Abordam nas falas suas posições e atividades sociais, reconhecendo e verbalizando a importância da educação, com destaque à alfabetização. Falas como “Venho à escola para aprender, a professora é boa, ela dá atenção, se preocupa e se interessa pela gente. Aqui a gente tá no meio das pessoas esquece dos problemas, deixa tudo lá na rua” (Maria IV), ou então dizendo que “Quero conviver com pessoas, sair do escuro, [...] ver um pouco da claridade” (Maria IV) – deixam evidente suas expectativas em relação à Educação de Jovens e Adultos e as funções de escola para além da aprendizagem. Em suas falas, ainda carregam discursos sobre os idosos como os “sem luz” ou “na escuridão”, bem como preconceito com relação aos jovens que, com elas, compartilham as salas de aula. Tais constatações nos ajudam a compreender que, para além das temáticas de saúde, abordadas em trabalhos acadêmicos e nas salas de aula com idosos, outros temas fazem-se necessários e pertinentes. Mesmo que durante as aulas suas narrativas deixem visíveis seus conhecimentos e experiências, estas pouco têm modificado as práticas escolares para adoção de um currículo pertinente, conforme o Parecer CNE/CEB 11/2000. Nas atividades desenvolvidas nas turmas com idosos, a crença em sua fragilidade por vezes leva a sua infantilização. Mesmo dizendo que as professoras são boas e que gostam das escolas que frequentam, não relatam uma participação mais efetiva na sala de aula ou na escola como um todo, provocando mudanças.

Também percebemos o esforço destas idosas para alcançar os seus objetivos, que nada mais são do que a plenitude de se sentirem felizes, sentimento esse que traz consigo uma energia tão jovial que supera as concepções clássicas do “ser velho”. Nota-se ainda, que nossa sociedade brasileira promove exclusões e discriminações das pessoas idosas, subjugando-as e desconsiderando o legado de sua experiência de vida. Neste sentido Mário Quintana, poeta gaúcho, sabiamente

me auxilia na tentativa de provocar reflexões aos leitores sobre a garra, a força e a gana sempre presente.

*Existe somente uma idade para a gente ser feliz.
Somente uma época na vida de cada pessoa
em que se pode sonhar e fazer planos,
e ter energia bastante para realizá-los,
a despeito de todas as dificuldade e obstáculos.
Uma só idade para a gente se encontrar com a vida
e viver apaixonadamente,
com o entusiasmo dos amantes
e a coragem dos aventureiros.*

[...]

*Essa idade tão especial e tão única
chama-se presente...
E tem apenas a duração do instante que passa.
A idade de ser Feliz, Mário Quintana*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2003. 516 p. .

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos?** – Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. Campinas, SP: Alínea, 2003. 258 p.

BRASIL. Parecer CNE/CEB nº 11/2000 Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. **Conselho Nacional de Educação (CNE)**. Brasília: MEC, maio 2000. Disponível em: portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/.../parecer_11_2000.pdf. Acesso em: 15 jun. 2014.

BRASIL. Lei n. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília: DF. Disponível em: portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf . Acesso 30 mai.2014.

BRASIL. Lei n. 10.741 de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília: DF. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm . Acesso em: 06 abr. 2014

DEMO, Pedro. **Sociedade e suas oportunidades**. Brasília: Plano, 2004. 182 p.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 8. ed. São Paulo: Olho D'água, 2006. 120 p.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 184 p.

GOLDANI, Ana Maria. Mulheres e envelhecimento: desafios para os novos contratos intergeracionais e de gêneros. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. p. 75-114.

SOARES, Leôncio. **Educação de Jovens e Adultos: O que as Pesquisas revelam**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. 280 p.

PAZ, Serafim Fortes O trabalho (des) humano e suas conseqüências na aposentadoria e na velhice. In: GOLDMAN, Sara Nigri.; PAZ, Serafim Fortes (Orgs). **Cabelos de Néon**. Rio de Janeiro: Talento Brasileiro, 2001. P.186 -196.

SILVA, Maria Beatriz da. A educação da mulher e da criança no Brasil colônia. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2004. P. 121-130

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 448 p.